

Economistas esperam mais ousadia

O economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes afirma que os juros reais (descontada a inflação), que estão em 12% ano, precisam cair imediatamente a um dígito, para que todos os esforços do ajuste fiscal e a busca do equilíbrio da dívida pública não morram na praia. "Não há um país que consiga sobreviver por muito tempo com juros tão altos", diz. Neste ano, a taxa média real de juros ficará entre 13% e 14%. Nos últimos quatro anos, foi de 12% e, nos quatro primeiros anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso, de 20%. "Como o país não pratica juros reais compatíveis, o superávit primário acaba sendo insuficiente para estancar o crescimento da dívida pública", alerta.

Este será o nono ano consecutivo de aumento do endividamento público, fato que está assustando os especialistas, como mostrou ontem o **Correio Braziliense**. O consultor

“
**NÃO HÁ UM PAÍS
QUE CONSIGA
SOBREVIVER POR
MUITO TEMPO
COM JUROS
TÃO ALTOS**”

*Carlos Thadeu de Freitas,
economista*

Marcelo Estevão também concorda que o governo PT deveria ser ousado e reduzir mais rapidamente a taxa de juros, já que a inflação está sob controle. Ele lembra que a economia de R\$ 3,5 bilhões em um ano

com a redução de apenas um ponto percentual nos juros recuperaria boa parte das rodovias brasileiras.

Os cálculos feitos por Marcelo Ávila, da Consultoria Global Station, são impressionantes. Entre janeiro e agosto deste ano, o governo pagou R\$ 102 bilhões em juros da dívida pública. Descontando o superávit primário (receitas menos despesas, sem contar os juros) de R\$ 49 bilhões faltaram R\$ 53 bilhões para fechar a conta. O rombo, equivalente a 5% do Produto Interno Bruto, seria muito menor, não fossem os juros tão altos.

Diante do tamanho dos gastos, os efeitos da reforma da Previdência ficam ainda menores. Pelas estimativas do mercado, as despesas com juros fecharão o ano em R\$ 150 bilhões, um terço da economia que o governo pretende alcançar em 20 anos com a reforma da Previdência. (AD e VN)